

CAMPONESES NO CYBERESPAÇO: ETNOGRAFIA DO PROGRAMA PERUANO DE INCLUSÃO DIGITAL PARA A ÁREA RURAL

Jean Carlo FAUSTINO¹

RESUMO: Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa de campo realizada, na região serrana de Lima, com o objetivo de analisar o programa de inclusão digital que o Estado peruano vem implantando nas áreas rurais. O presente relato etnográfico apresenta então um breve perfil dos usuários desses telecentros rurais, além de considerar a trajetória dos técnicos que respondem por sua administração. Além disso, esse artigo apresenta também a infra-estrutura tecnológica e financeira de sustentação dessa experiência piloto, implantada em Huaral e Aucallama, cujo modelo pretende ser reproduzido em outras três mil localidades rurais. Após a exposição dessa etnografia e do caminho realizado para obtenção das entrevistas e dos contatos, este artigo conclui apresentando algumas perspectivas e possibilidades futuras de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão digital. Peru. Telecentros. CamponeSES. Rural. Internet.

Introdução

Este texto é uma continuação ou, para ser mais específico, uma segunda parte do artigo que foi publicado e apresentado no encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) deste ano sob o título de “O empreendedor digital andino: a base do sucesso do programa de inclusão digital no Peru”².

Naquele artigo, por meio de uma pesquisa de campo realizada nos estabelecimentos conhecidos, no Peru, como “*cabins Internet*”, eu procurei compreender seu funcionamento e operação chegando à conclusão de que, ao

¹ UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas – SP – Brasil. 13081-970 – jeancarlofaustino@gmail.com

² Cf. FAUSTINO, 2006.

contrário do que então se tinha notícia no Brasil, essas cabinas (que respondem pelos bons resultados do programa de inclusão digital peruano) não eram resultados de uma política pública, mas sim do empreendedorismo da sua população – o que, acrescento agora, deve ser também considerado em combinação com outros fatores sociais como, por exemplo, a alta taxa de desemprego e um número expressivo de parentes que vivem no exterior.

Essa conclusão foi alcançada não somente a partir da minha observação mas também, principalmente, a partir das afirmações dos diferentes agentes que entrevistei: donos de cabinas, dirigentes da *Asociación Peruana de Empresas de Servicios de Internet* (ASPESI), e membros do *Consejo Nacional de Ciencia, Tecnología e Innovación Tecnológica* (CONCYTEC). Todos afirmavam que o sucesso da inclusão digital no Peru estava baseado na iniciativa privada de pequenos empreendedores que abriam seus estabelecimentos de acesso à *Internet* independente de uma política pública ou de um programa de financiamento estatal.

Esse foi, portanto, o escopo desse primeiro artigo que publiquei sobre o assunto. No entanto, minha pesquisa compreendeu também um segundo aspecto que considero complementar pois trata das recentes iniciativas do Estado para ampliar a inclusão digital no Peru – sobretudo num contexto em que a iniciativa privada teria maiores dificuldades para se instalar e manter-se economicamente: a área rural.

Assim, o objetivo do presente artigo é o de apresentar um relato etnográfico da pesquisa de campo que realizei junto a esses projetos de inclusão digital na área rural do Peru – mais especificamente na região serrana de Lima.

Para além da objetividade

Começarei meu relato etnográfico pelo que considero o auge desta pesquisa de campo, que pode ser simbolizado pelo exato momento em que eu escrevia um *email* para meu professor, relatando a conclusão de meu trabalho, a partir de um micro *Linux* instalado numa humilde residência de um vilarejo, chamado Aucallama, que fica na região serrana de Lima.

Ao meu lado, fazendo uso da mesma tecnologia, estava um jovem, filho de camponeses, que me autorizou a tirar-lhe uma foto (vide foto 1) que bem poderia ilustrar o presente trabalho, pois ela simboliza que o objetivo do programa de inclusão digital peruano, para o setor rural, está sendo alcançado – ao menos, para os jovens. Porém, como um dos preceitos da sociologia é compreender o que existe por trás das aparências, meu objetivo aqui será o de apresentar o contexto social que existe por trás dessa foto.



Foto 1: filho de camponeses utiliza telecentro de Aucallama

Obviamente que essa compreensão pode não ser suficiente mas, ao menos, servirá para delinear alguns aspectos de uma realidade social diferente e distante, a qual consegui ter acesso não sem um certo esforço de pesquisa. Voltemos, portanto, para o jovem da foto. Quem é ele? Como ele chegou até o local e até essa tecnologia?

Filho de camponeses da região, ele anda cerca de quarenta minutos, numa bicicleta, até chegar à *Internet*. Mas, como ele aprendeu a utilizar o computador e os aplicativos do *Linux*? O responsável pela cabina disse-me que foi através de um curso de quatro dias que é ministrado gratuitamente para os novos usuários, cujos detalhes tratarei logo a seguir.

Perguntei, então, ao jovem se ele sabia usar o computador antes de usar essa cabina e ele respondeu-me que não, mas que havia usado, certa vez, o serviço de *e-mail* graças ao apoio de uma menina que, na cidade, apresentara-lhe essa tecnologia. O garoto, como se pode imaginar, mostrou-se bastante acanhado mas sorriu juntamente com os demais presentes quando mencionou o papel decisivo dessa menina como promotora do uso do *e-mail*.

Sem a intenção de antecipar qualquer conclusão, gostaria apenas de destacar um interessante aspecto que essa simples narrativa apresenta: o importante, senão

decisivo, papel da afetividade contemporânea como promotora do uso das tecnologias de informação por parte dos jovens.

Contudo, não se pode afirmar que esta finalidade, digamos, afetiva é o que configura o uso típico dessa cabina rural de acesso Internet. Aliás, há um esforço institucional para que o serviço em questão esteja voltado à promoção dos interesses da população local – uma “*junta de regantes*”, isto é, de camponeses cuja produção agrícola está baseada no suprimento de água fornecido pelo rio que passa pela região.

Para, então, atender a esse objetivo da “*junta de regantes*”, a cabina local de acesso à Internet “alimenta” um servidor web com informações úteis para esse tipo de atividade agrícola. Informações como por exemplo: nível da água do rio, cotação média dos preços para comercialização dos produtos agrícolas, estoques da colheita e de animais para os possíveis compradores e, também, exposição de novas técnicas de plantio.

Outro esforço do administrador dessa cabina rural de acesso à Internet diz respeito à promoção do uso desse serviço. Para isso, ele participa frequentemente das reuniões dos agricultores nas quais apresenta o telecentro, seus recursos e objetivos. E, para aqueles que se interessam em utilizá-lo, o administrador ministra um curso de quatro dias que é precedido pelo preenchimento de uma ficha de inscrição e de um questionário que objetiva levantar o conhecimento prévio do novo usuário e suas expectativas com relação ao uso do telecentro.

Quanto ao curso, de duração total de dezesseis horas (quatro por dia), seu conteúdo pode ser dividido da seguinte maneira:

- **primeiro dia:** uso do computador, editor de texto e planilha do *OpenOffice*;
- **segundo dia:** navegação na *web* e pesquisas no *google*;
- **terceiro dia:** cópia de informações do *browser* para *OpenOffice*, uso do disquete e uso do serviço de impressão;
- **quarto dia:** uso do *e-mail*.

Quando minha visita ao local já estava terminando, outro jovem chegou para utilizar um micro da cabina – e, ao que me pareceu, com bastante determinação e vontade de fazê-lo como se houvesse, ali, um importante assunto a tratar. Estaria ele fazendo um uso coerente com as motivações e os objetivos do projeto de

inclusão digital na área rural, ou seja, estaria ele utilizando o acesso à Internet para obter informações úteis para a comercialização e plantio dos produtos agrícolas da região?

Obviamente, esta é pergunta que minha pesquisa, preliminar, não pôde responder. No entanto, vale perguntar se uma utilidade exclui a outra já que, conforme destaquei ao tratar do jovem da foto, a afetividade parece ser um importante motivador para a adoção das novas tecnologias da informação por parte dos jovens que mais tarde podem, eventualmente, fazer um uso mais objetivamente econômico daquele instrumento com o qual desenvolveram certa familiaridade.

De qualquer maneira, independente do uso que esses jovens estiverem fazendo das cabinas, suas normas administrativas permitem que ela seja utilizada por pessoas que não são camponeses com a ressalva, porém, de que este acesso seja pago gerando, assim, uma receita destinada à manutenção do projeto.

Interessantes implicações de uma premissa

As observações expostas no item anterior foram realizadas no vilarejo de Aucallama, onde só pude chegar graças ao apoio e orientação de um dos técnicos que trabalhavam na pequena cidade de Huaral a qual, localizada a uma distância de 15 quilômetros, centraliza as conexões Internet dos vilarejos vizinhos. Foi graças a esse apoio e auxílio que consegui encontrar um táxi que me levasse até o telecentro de que tratei no item anterior.

Ao chegar então a Aucallama, esse técnico me apresentou ao administrador do telecentro que me recebeu muito bem mostrando-me seu material de treinamento e divulgação junto à comunidade local, surpreendendo-me, assim, com uma organização e metodologia que destoava das precárias instalações físicas que eu tinha diante de meus olhos.

O técnico que me levou até esse telecentro disse-me depois, em particular, que aquele administrador era conhecido como um dos mais produtivos e criativos dentre os demais que formam o conjunto de administradores desses telecentros rurais da região. No entanto, até pouco tempo atrás, esse administrador não trabalhava na área. Pela mudança que o projeto causou na sua vida e no seu itinerário, julgo importante registrar aqui um pouco da sua história pessoal.

Esse administrador, também filho de camponeses da região, alguns anos atrás deixou essa região onde nasceu para estudar contabilidade em Lima ao mesmo tempo em que trabalhava para se sustentar. Porém, a incompatibilidade da sua precária

condição financeira com o alto nível de exigência acadêmica da *Universidad San Marcos*, onde estudava, tornou inviável esse projeto pessoal.

Assim, após seu insucesso na capital, ele retornou para a região ainda sem saber direito o que fazer quando, então, a ONG CEPES (executora do projeto em questão) estava promovendo uma capacitação, no uso da Internet, no distrito. Ele abraçou a oportunidade e pouco tempo depois ocuparia o posto remunerado que agora possui – o que, a despeito do mérito pessoal, não se constitui uma exceção dentro do projeto, já que a ONG exige que os administradores dos telecentros sejam, obrigatoriamente, membros da comunidade local.

Essa pequena premissa administrativa pareceu-me bastante interessante porque, como pode ser observado pelo breve relato que fiz do itinerário do administrador do telecentro de Aucallama, ela permite a valorização de quem possui um potencial que, não raro, é impedido de se desenvolver devido a condições sócio-econômicas desfavoráveis.

Base tecnológica e humana

A conexão Internet rápida do telecentro do vilarejo de Aucallama tornou-se tecnicamente possível devido a uma rede *wifi* (tecnologia desenvolvida para conectar dispositivos computacionais móveis à Internet) cuja base foi instalada na pequena cidade de Huaral. Lá, existe uma antena central que viabiliza a conexão, *wifi*, para outros vilarejos e conecta-se à Internet através de uma fibra óptica que chega até Lima. O esquema a seguir (figura 1) ilustra esta infra-estrutura de rede.

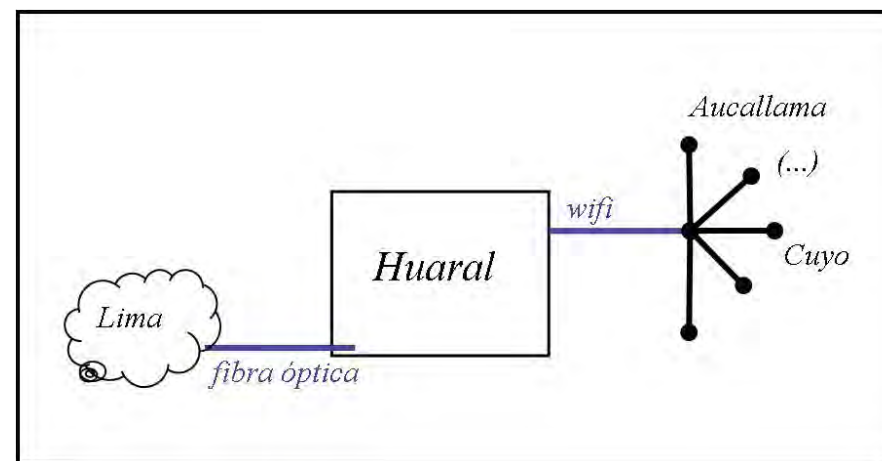


Figura 1: Estrutura da infraestrutura de rede da conexão Internet

Além dessa antena que centraliza as conexões *wifi* da região, em Huaral estão também localizados os servidores *web* e de *e-mail* do sistema que foi criado pelo projeto: o *Sistema de Información Agraria* (SIA³). Além disso, o centro de conexões em Huaral conta também com um sistema de gerenciamento dos servidores que estão distribuídos ao longo dos diferentes telecentros da região. E, por último, é possível ainda encontrar na sede do projeto um protótipo da rede local que forma esses telecentros.

Analisando esse protótipo, pude constatar que sua base está construída sobre a plataforma do chamado “*software livre*”, ou seja, aqueles programas de computadores que formam um universo relativamente complexo cuja implicação mais conhecida é a de que o usuário final não precisa pagar para utilizá-lo.

Há, então, nesse protótipo e também no telecentro que visitei, um servidor *web* e “terminais burros” (sem CD e disco rígido) que iniciam seu sistema operacional através da rede local consultando o servidor local dentro de um protocolo tecnicamente conhecido como DHCP. E ambos, servidor e “terminais burros”, utilizam *Linux* (versão Fedora), *OpenOffice*, *browser* e *AMSN*. Já as máquinas de monitoramento da rede utilizam-se de um programa chamado *NAGIOS*. Em suma, trata-se de recursos tecnológicos bastante atualizados dentro do contexto global do software livre.

Além dessa estrutura de computadores, o protótipo do telecentro conta também com um equipamento (do tipo ATA) que permite a conexão telefônica ao sistema

³ Cf. SISTEMA DE INFORMACIÓN AGRARIA, 2006.

VOIP (Voz pela Internet) do projeto. Com isso, os telecentros pretendem levar à região rural não somente a conexão como também telefonia pela Internet, minimizando, assim, os custos com interurbanos.

Contudo, operar isto implica num conhecimento técnico específico o que é passado para os administradores dos telecentros por meio de um treinamento que é dado, não somente a eles, como também a uma pessoa que desempenha o papel de suporte técnico local – muito embora os administradores possam recorrer aos técnicos da base de Huaral e normalmente assim o fazem, já que tais técnicos do suporte local dividem essas atividades técnicas com outras mais diretamente ligadas ao seu sustento material. Além desse treinamento, semanalmente são promovidas reuniões entre os administradores dos telecentros com a finalidade de trocar experiências.

O técnico que me conduziu ao telecentro de Aucallama, a exemplo de um segundo que trabalha na central de Huaral, também recebeu esse treinamento antes de começar a trabalhar nesse projeto. Atualmente, esses dois técnicos, que trabalham sob a orientação de outro mais experiente, aproveitam a experiência para escrever seu trabalho de conclusão de curso de graduação. Durante a semana moram na sede do projeto, em Huaral, e no final de semana voltam para suas residências em Lima.

Esses técnicos, assim como os administradores dos telecentros, são remunerados pela ONG executora do projeto. Já os técnicos que auxiliam os administradores dos telecentros, e que constroem seu conhecimento a partir da sua experiência e treinamento no projeto, exercem um trabalho voluntário não remunerado.

Dessa forma, então, se constitui a base tecnológica e humana que responde pela implementação, administração e operação desse projeto de inclusão digital nas áreas rurais – o qual é financiado pelo governo, mas executado por ONGs.

Minha visita restringiu-se a apenas um desses projetos. Mas, segundo informações da pessoa que me indicou (e viabilizou) esta visita, o projeto todo implica na reprodução deste mesmo modelo em três mil diferentes localidades – totalizando um investimento de 15 milhões de dólares.

Estrutura de financiamento

Conforme mencionado, o projeto total de inclusão digital para a área rural do Peru está orçado em 15 milhões de dólares. O financiamento vem de um órgão do governo chamado *Organismo Supervisor de Inversión Privada en Telecomunicaciones* (OSIPTTEL)⁴, o qual visitei antes de ir até os telecentros de Huaral e Aucallama. Foi, então, numa entrevista com um dos dirigentes do OSIPTTEL, que me informei sobre

⁴ Cf. ORGANISMO SUPERVISOR DE INVERSIÓN PRIVADA EN TELECOMUNICACIONES, 2006.

os aspectos estruturais do projeto. E, logo após, consegui agendar uma visita pessoal a partir da qual extraí as informações mencionadas aqui.

O OSIPTTEL é um órgão do governo responsável pela fiscalização das telecomunicações e que, por isso, recebe uma verba anual das empresas privadas do setor. Desta verba anual, isto é, deste fundo destinado a investimentos em telecomunicações (*Fondo de Inversión en Telecomunicaciones* – FITELE⁵), que corresponde a 2% de toda a arrecadação das empresas (privadas) de telecomunicações do país, foi que surgiram os recursos financeiros para a implementação do projeto em questão. Recursos esses destinados apenas à infra-estrutura de rede e capacitação, sendo que os computadores devem ser obtidos através de doações de ONGs ou adquiridos pela comunidade local.

Entretanto, segundo a pessoa que entrevistei na OSIPTTEL, o papel deste órgão do governo não é o de implantar os projetos, mas sim, o de avaliar as propostas mais adequadas e selecionar seus executores. No caso do projeto em questão, o executor é a ONG chamada *Centro Peruano de Estudios Sociales* (CEPES⁶). Outras instituições executoras de projetos similares, mencionadas nesta entrevista, foram: ITOG, EHAS, GILAT e PURAI Telecom.

Nesse sentido, as instalações que visitei em Huaral e Aucallama correspondem à experiência piloto desse projeto maior e mais ambicioso: o de replicar o modelo para três mil diferentes localidades. Aliás, sobre isso, é preciso também mencionar o fato de que, durante a visita que fiz à estação onde se localiza a torre central de *wifi*, em Huaral, pude observar um grupo de estrangeiros que a visitavam com a finalidade, segundo me informei, de avaliar uma possibilidade futura de apoio internacional – o que, inclusive, é previsto pela OSIPTTEL que espera receber doações de computadores de instituições internacionais como *Instituto para la Conectividad en las Américas* (ICA⁷) que foi criada em 2001, no Canadá, com o objetivo de promover o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para melhorar o desenvolvimento social e econômico da América Latina e do Caribe.

Para encerrar esse ponto, devo mencionar também que a intenção do OSIPTTEL é a de prover as comunidades rurais não somente de telefonia VOIP (Voz pela Internet) e acesso Internet mas, também, de emissoras de rádio (via Internet) e do que meu informante chamou de “correio híbrido” – que consiste no envio, impressão e leitura de *emails* em *quechua*: a língua que os camponeses do Peru, em sua maioria, falam e que, originariamente, não é escrita. Portanto, aparentemente, trata-se de um significativo esforço de inclusão digital de uma parcela da população que se

⁵ Cf. FONDO DE INVERSIÓN EN TELECOMUNICACIONES, 2006.

⁶ Cf. CENTRO PERUANO DE ESTUDIOS SOCIALES, 2006.

⁷ Cf. INSTITUTO PARA LA CONECTIVIDAD EN LAS AMÉRICAS, 2006.

encontra excluída não somente da tecnologia como também da própria língua (ou línguas) que essa tecnologia utiliza – no caso do contexto local: o espanhol. Talvez, posteriormente, o esforço implique também numa alfabetização (para o espanhol ou para o *quechua* escrito). Enquanto isso, porém, a tecnologia adapta-se às condições dos camponeses minimizando, potencialmente, a exclusão.

Frutos da cooperação

A visita ao OSIPTEL foi decisiva para a viabilização da pesquisa de campo aqui descrita, pois foi a partir dela que consegui o apoio necessário para que as pessoas me recebessem em Huaral e Aucallama e para que me passassem, também, as informações aqui apresentadas. Porém, como cheguei ao OSIPTEL? O caminho percorrido para chegar até essa instituição vincula-se não somente às origens da minha pesquisa, no Brasil, como também a uma cooperação internacional existente entre Brasil e Peru.

O primeiro ponto dessa cooperação internacional corresponde a uma aproximação existente entre a *Red Académica Peruana* (RAAP⁸) e a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP⁹) no Brasil: ambas trabalham em conjunto num projeto chamado *Cooperación Latino Americana de Redes Avanzadas* (CLARA¹⁰) e que é parcialmente financiado pelo Aliança para a Sociedade de Informação (@LIS¹¹) – um programa da Comissão Europeia criado com o objetivo de criar uma rede acadêmica que interligue os países da América Latina. Foi, portanto, graças a um contato na RNP que pude entrevistar o coordenador da RAAP, no Peru, que também trabalha no *Instituto Nacional de Investigación y Capacitación de Telecomunicaciones* (INICTEL¹²).

Nessa entrevista, com o coordenador da RAAP, ao expor meu tema de pesquisa, fui informado de que o grande projeto do INICTEL, nesta área de inclusão digital, eram os *Establecimientos Rurales de Tecnologías de la Información y la Comunicación* (ERTICS¹³). Trata-se de um projeto que abrirá telecentros públicos em dez distritos rurais, numa das regiões mais pobres e de mais baixos índices de alfabetização do país: Huancavelica. Obviamente que pela distância que a região fica de Lima e pelo tempo que tinha disponível, seria impossível, para aquele

⁸ Cf. RED ACADÉMICA PERUANA, 2006.

⁹ Cf. REDE NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA, 2006.

¹⁰ Cf. COOPERACIÓN LATINO AMERICANA DE REDES AVANZADAS, 2006.

¹¹ Cf. ALIANÇA PARA A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO, 2006.

¹² Cf. INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y CAPACITACIÓN DE TELECOMUNICACIONES, 2006.

¹³ Cf. ESTABLECIMIENTOS RURALES DE TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN, 2006.

momento, realizar uma pesquisa de campo nessa região. Por esse motivo foi que meu entrevistado comentou do projeto que o OSIPTEL possuía na serra de Lima sugerindo, assim, um dos principais temas da entrevista subsequente que, por sua vez, deu origem à pesquisa de campo aqui apresentada.

Já o segundo ponto de contato da cooperação internacional que mencionei corresponde a uma aproximação institucional entre o Centro de Pesquisas Renato Archer (CENPRA¹⁴), no Brasil, e o *Consejo Nacional de Ciencia, Tecnologia e Innovación Tecnológica* (CONCYTEC¹⁵) no Peru. Foi graças a um contato no CENPRA, inicialmente obtido através de uma colega de curso, que consegui chegar até o CONCYTEC e marcar uma entrevista.

Nessa entrevista, tomei conhecimento do projeto EGOYA que o CONCYTEC vem desenvolvendo, em cooperação com o Brasil, visando disponibilizar serviços públicos, na Internet, para a população em geral. Quando fiz essa entrevista, em janeiro de 2006, o EGOYA tinha concluído sua primeira fase (relativa à disponibilização do serviço de declaração *on-line* de impostos) e estava partindo para uma segunda etapa na qual se dedicaria ao controle de carros roubados, através da integração das bases de dados interestaduais.

Um aspecto interessante desse projeto EGOYA é que, segundo informações do CONCYTEC, ele está sendo motivado pela aprovação de uma lei nacional de transparência das contas públicas. Portanto, os portais *web* (centro de informações na Internet) de cada município surgem como uma decorrência obrigatória dessa lei. Com base nisso, pode-se afirmar (mesmo a título de conclusão preliminar ou hipótese de pesquisa futura) que a criação de uma “Sociedade da Informação”, no Peru, tem o potencial de contribuir para a transparência da prestação de contas para a população e para o fortalecimento das instituições democráticas – o que não é pouco num país onde as pessoas (afirmo com base nas entrevistas que realizei com donos de cabinas Internet) vêem o Estado como uma instituição que age contra a sociedade em geral.

Considerações finais

Todas as informações aqui mencionadas foram levantadas a partir de entrevistas e visitas aos lugares e instituições mencionadas. Restariam, ainda, a análise e explanação do conteúdo do material que recebi, em dois CDs, com dados

¹⁴ Cf. CENTRO DE PESQUISAS RENATO ARCHER, 2006.

¹⁵ Cf. CONSEJO NACIONAL DE CIENCIA, TECNOLOGIA E INNOVACIÓN TECNOLÓGICA, 2006.

relativos às cabinas urbanas de acesso Internet no Peru, que ganhei na entrevista à *Asociación Peruana de Empresas de Servicios de Internet* (ASPESI)¹⁶.

Aliás, espero ainda ter uma oportunidade de deter-me sobre os resultados dessa entrevista realizada na ASPESI pois, talvez, por essa ter sido a última entrevista que realizei no Peru, a exposição de seu conteúdo não se encaixou nem no contexto desse artigo, no qual procurei me deter sobre as iniciativas de inclusão digital na área rural, e nem tampouco no artigo aceito pela ANPOCS, no qual procurei deter-me na exposição de uma etnografia do pequeno empreendedor das cabinas de acesso Internet.

Nessa entrevista da ASPESI, pude, por exemplo, me informar sobre as questões e problemas relativos à organização das cabinas das regiões urbanas que são administradas por pequenos empreendedores. Além do diagnóstico da realidade estrutural dessas cabinas, a entrevista me propiciou também uma visão geral da sua evolução e desenvolvimento nos últimos anos com destaque para seu “mito de origem”, momentos de crise, organização e relacionamento com o Estado. São temas, portanto, que merecem um aprofundamento, assim como outros, mencionados no presente artigo, dos quais devo destacar os “*Estudios Rurales de TICs*” (ERTICS) que o INICTEL pretende instalar numa das regiões mais pobres e com maior índice de analfabetos do Peru, pois penso que seria interessante acompanhar de perto esse processo talvez simultâneo de alfabetização e inclusão digital.

Outro tópico que me parece também interessante é o serviço de “correio híbrido” que o OSIPTTEL pretende implementar junto aos camponeses que desconhecem a língua espanhola e falam apenas o *quechua*. Ao que me parece, seria interessante analisar esse projeto ao longo do tempo e os seus possíveis reflexos nas duas diferentes culturas envolvidas: a tradicional dos camponeses e a cultura “digital” da Internet. Nesse mesmo sentido, outro possível trabalho de pesquisa seria o de verificar o impacto e as melhorias que esses projetos de telecentros na área rural vieram a causar no estilo de vida e atividade econômica dos camponeses para os quais esses projetos se destinam.

E, ainda nessa mesma linha, vale destacar que os telecentros que visitei em Huaral e Aucallama correspondem ao projeto piloto, ou seja, a uma primeira experiência de um projeto maior que pretende reproduzir esse mesmo modelo de infra-estrutura de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para outras três mil localidades rurais. Assim, para se ter uma maior precisão sobre os impactos sociais desse projeto, seria necessário realizar também “pesquisas de campo” junto a esses outros telecentros.

¹⁶ Cf. ASOCIACIÓN PERUANA DE EMPRESAS DE SERVICIOS DE INTERNET, 2006

Em suma, trata-se de todo um interessante universo a ser potencialmente desvendado por pesquisas futuras. O que este artigo e minha pesquisa realizaram foi apenas o delineamento da sua estrutura e aspectos principais cujos resultados, assim espero, haverão de contribuir para futuras pesquisas sobre o tema.

PEASANTS IN CYBERSPACE: ETHNOGRAPHY OF THE PERUVIAN DIGITAL INCLUSION PROGRAM FOR RURAL AREAS

ABSTRACT: *This article presents the result of a field research made, in the mountaineer Lima region, with the objective to analyse a program of the digital inclusion that the peruvian State is introduce in the rural areas. The present ethnographic report show users brief profiles of these rural telecenters, above considerate the trajectory of the technicians that responsible for their administrations. Moreover, this article presents too the technological and financial infra-structure of this pilot experience, established at Huaral e Aucallama, whose model intend to be expanded to others three thousands rural locations. After the exposition of this ethnography and the steps taken to get the contacts and interviews, this article concludes show some perspectives and possibilities of further research.*

KEYWORDS: *Inclusion Digital. Peru. Telecenter. Contryman. Rural. Internet.*

Referências

ALIANÇA PARA A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO. Disponível em: <http://ec.europa.eu/comm/europeaid/projects/alis/index_pt.htm>. Acesso em: 27 nov. 2006.

ASOCIACIÓN PERUANA DE EMPRESAS DE SERVICIOS DE INTERNET. Disponível em: <<http://www.aspesi.net/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

CENTRO DE PESQUISAS RENATO ARCHER. Disponível em: <<http://www.cenpra.gov.br/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

CENTRO PERUANO DE ESTUDIOS SOCIALES. Disponível em: <<http://www.cepes.org.pe/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

CONSEJO NACIONAL DE CIENCIA, TECNOLOGIA E INNOVACIÓN TECNOLÓGICA. Disponível em: <<http://portal.concytec.gob.pe/portal/paginas/index.jsp>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

COOPERACIÓN LATINO AMERICANA DE REDES AVANZADAS. Disponível em: <<http://www.redclara.net/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

ESTABLECIMIENTOS RURALES DE TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN. Disponível em: <<http://ertic.inictel.net/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

FAUSTINO, J. O empreendedor digital andino: a base do sucesso do programa de inclusão digital no Peru. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 30., 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2006. 1 CD-ROM.

FONDO DE INVERSIÓN EN TELECOMUNICACIONES. Disponível em: <<http://www.fitel.gob.pe/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y CAPACITACIÓN DE TELECOMUNICACIONES. Disponível em: <<http://www.inictel.gob.pe/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

INSTITUTO PARA LA CONECTIVIDAD EN LAS AMÉRICAS. Disponível em: <<http://www.icamericas.net/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

ORGANISMO SUPERVISOR DE INVERSIÓN PRIVADA EN TELECOMUNICACIONES. Disponível em: <<http://www.osiptel.gob.pe/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

RED ACADÉMICA PERUANA. Disponível em: <<http://www.raap.org.pe/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

REDE NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA. Disponível em: <<http://www.rnp.br/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

SISTEMA DE INFORMACIÓN AGRÁRIA. Disponível em: <<http://www.huaral.org/>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

Indicações bibliográficas

CLASTRES, P. **A sociedade contra o estado**: pesquisas de antropologia política. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

CRUZ, R. Desigualdade social no Brasil mostra sua face na Internet. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. B19, 4 mar. 2005.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1977. (Coleção Os Pensadores).

RUBEM, G.; WAINER, J.; DWYER, T. (Org.). **Informática, organizações e sociedade no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVEIRA, S. A. da.; CASSINO, J. (Org.). **Software livre e exclusão digital**. São Paulo: Conrad Livros, 2003.

SORJ, B. **Brasil@povo.com**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SORJ, B.; GUEDES, L. E. **Exclusão digital**: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. Disponível em: <http://www.bernardosorj.com/pdf/exclusaodigital_problemasconceituais.PDF>. Acesso em: 27 nov. 2006.